

USO FUNCIONAL DA VISÃO:
DESENVOLVIMENTO DE ESTRATÉGIAS DE
INTERVENÇÃO PARA ANÁLISE DO
SIGNIFICADO DA EFICIÊNCIA VISUAL
SOBRE O COMPORTAMENTO DE CRIANÇAS
COM BAIXA VISÃO

Maria Júlia Canazza DALL'ACQUA

Com o objetivo de identificar e descrever funções visuais de crianças em situações de intervenção para análise do papel desempenhado pela visão no contexto geral do desenvolvimento de crianças com deficiência visual, o trabalho de pesquisa que aqui se descreve caracterizou-se por atendimentos semanais a quatro crianças com idades em torno de 8 e 36 meses de vida por ocasião do início do estudo, que teve a duração de doze meses e foi realizado nas dependências da Unidade Auxiliar CENPE "Dante Moreira Leite" da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Campus de Araraquara, São Paulo.

Tendo como base de sustentação teórica o pressuposto de que a visão é uma função sensorial aprendida cuja eficiência é desenvolvida e aprimorada, as oportunidades de estimulação propiciadas às crianças participantes tiveram por objetivo fazer face ao conceito de desenvolvimento visual automático e espontâneo, contrapondo-se a essa postura e valorizando a idéia de um planejamento detalhado e

específico para levar a criança a iniciar, o mais cedo possível, um processo que lhe permita viver experiências visuais significativas, ensinando-a a usar essa via sensorial (Dall'Acqua, 2002).

A estimulação de bebês e crianças pequenas, mais especificamente crianças vulneráveis, cujos processos de desenvolvimento encontram-se claramente comprometidos ou ameaçados por circunstâncias ambientais ou biológicas, desenvolveu-se significativamente nos últimos trinta anos. Para ser considerada intervenção precoce é necessário que o trabalho tenha início antes da idade de 36 meses, e que tenha como objetivo promover o desenvolvimento da criança com alguma incapacidade, que esteja sob risco, ou que apresente algum outro tipo de desvantagem (Pakula; Palmer, 1997). Segundo a literatura, com a característica de intervir o quanto antes, foram intensificados trabalhos para minimizar o impacto da deficiência ou da prevalência dos fatores de risco, para fortalecer a atuação das famílias e para definir fundamentação necessária a desenvolvimentos subseqüentes, cujas conclusões são unanimemente favoráveis à estimulação da visão remanescente, para qual a seqüência do desenvolvimento permite trilhar caminhos bastante próximos e semelhantes aos de crianças sem impedimento visual (Dall'Acqua, 1997, 2002).

As respostas obtidas foram bastante pontuais, evidenciando uma grande dificuldade quanto à generalização para situações semelhantes, porém não iguais. Além disso, os ganhos estiveram restritos e limitados ao controle visual em tarefas de seguimento. Quanto mais distantes as idades de desenvolvimento em relação às idades cronológicas, mais limitadas pareceram ser as possibilidades de ganhos novos e diferenciados.

Para as crianças dotadas de prognóstico menos favorável no que diz respeito à ampliação do repertório de habilidades na área visual, inclusive na intersecção da mesma com a área motora para o estabelecimento do sistema perceptivo-motor, a diversidade ficou reduzida. Contudo, a possibilidade de não perder a visão residual foi de extrema importância. Com limitações significativas na área motora, a presença de um canal sensorial de sentido distal pareceu contribuir muito para, ao se somar às demais informações, compor um quadro

mais completo e diversificado do meio físico e social no qual o indivíduo se insere.

Portanto, em casos de seqüelas neurológicas originando múltipla deficiência, a visão assume função de pedra angular no contexto das mudanças de comportamento e ampliação de repertório. E, como tal, merece e necessita ser mais amplamente estudada, para o desenvolvimento de novos princípios que irão nortear outras estratégias de intervenção.

REFERÊNCIAS

DALL'ACQUA, M.J.C. *Intervenção no ambiente escolar*. Estimulação de uma criança com visão subnormal ou baixa visão. São Paulo: Editora da UNESP, 2002, 192 p. ISBN 85-7139-401-6.

PAKULA, A.L.; PALMER, F.B. Early Intervention for Children at Risk for Neuromotor Problems. In: GURALNICK, M.J. *The Effectiveness of Early Intervention*. Seattle: Paul H. Brookes Publishing Co., 1997, p. 99-108.